



Disponível em: <http://abibliotecas.blogspot.com/2010/05/monumento-as-bandeiras.html>

Monumento às Bandeiras

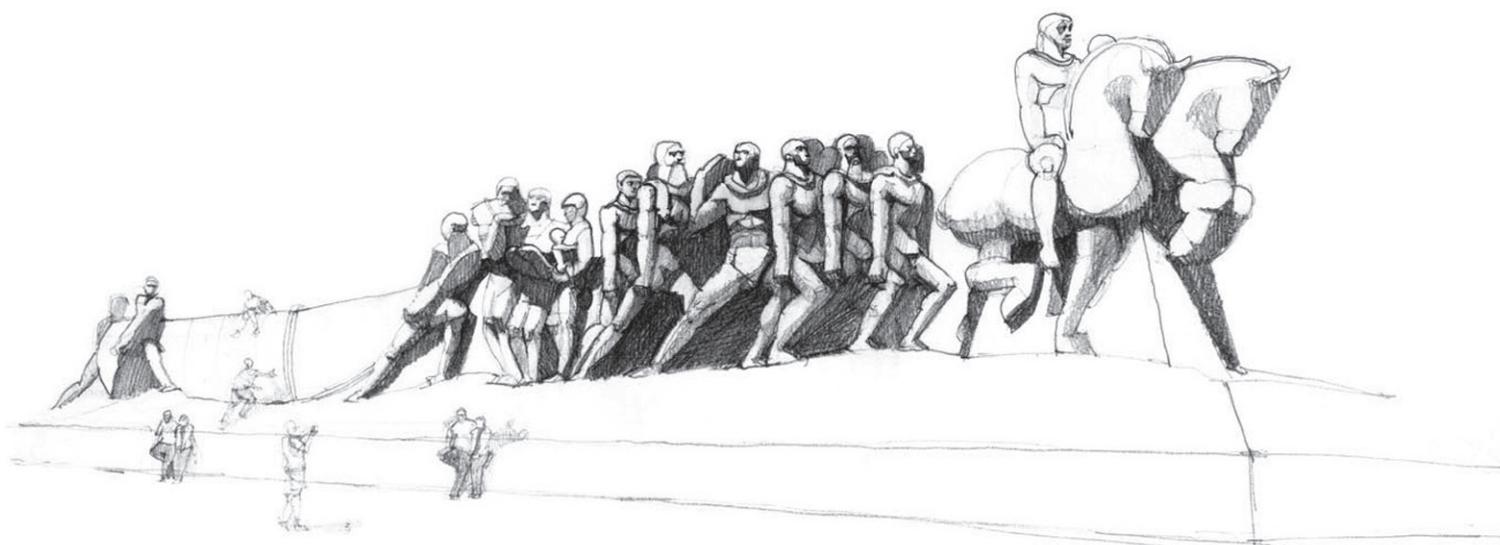
Ricardo Cardozo de Mello Tucunduva

“A última bandeira parte da clareira do Ibirapuera”, disse um dia Paulo Bomfim, o príncipe dos poetas brasileiros.

Todos sabem que São Paulo dos Campos de Piratininga foi o berço da epopeia protagonizada pelos bandeirantes, fato que, por si próprio, justifica a localização da enorme escultura — um dos símbolos mais conhecidos da cidade de São Paulo —, uma vez que esta foi construída exatamente para perpetuar a memória daqueles heróis que, já no século XVI, encetaram o trabalho hercúleo da conquista do sertão brasileiro, ignorando a Linha de Tordesilhas e expandindo as nossas fronteiras, depois consolidadas, nos séculos que se seguiram, pela diplomacia de Alexandre de Gusmão (irmão de Bartolomeu de Gusmão, alcunhado “O Padre Voador”,

pioneiro da navegação aérea) e de José Maria da Silva Paranhos Jr., o Barão do Rio Branco. Alexandre de Gusmão, que concebeu o Tratado de Madri (1750), defendia a tese de que a posse efetiva das terras determinava quem era o dono (*uti possidetis ita possideatis*).

O monumento foi engendrado pela genialidade de Victor Brecheret, escultor que, em 1922, participou da célebre Semana de Arte Moderna, movimento cultural que provocou no nosso país marcante guinada nos caminhos até então trilhados pelos artistas, fossem eles pintores, escultores, músicos, poetas ou literatos. Victor Brecheret nasceu Vitorio Brecheret, em 22 de fevereiro de 1894, em Farnese, Província de Viterbo, na Itália, e morreu em São Paulo no



dia 17 de dezembro de 1955. Paulista de coração, é um paulistano por opção: obteve ordem judicial para registrar o seu nascimento no Cartório do Registro Civil do Jardim América em 14 de agosto de 1930.

Conta-se que, para materializar a obra, Brecheret trabalhou durante 33 anos. Para Paulo Bomfim, ao esculpi-la, “Brecheret moldou a alma da nossa terra”.

Aplaudido pelos que se integravam na corrente renovadora da arte e incompreendido pelos mais conservadores, o monumento foi inaugurado festivamente no dia 25 de janeiro de 1953, quando a cidade comemorava o seu 399º aniversário.

A escultura — ao que consta, a maior do mundo — foi elaborada em granito de cor cinza, possuindo 50 metros de comprimento, 15 metros de largura e 12 metros de altura. As figuras que a compõem medem, em média, 5 metros.

O mais interessante é que Brecheret não retratou nesse magnífico trabalho *determinada* bandeira, mas, sim, *todas* as bandeiras. Vejamos.

As duas figuras equestres que lideram seus seguidores encarnam todos aqueles que capitanearam bandeiras. Suas atitudes psicológicas são bastante díspares: o capitão-dormato à esquerda de quem olha a frente do monumento tem a cabeça erguida, altiva, como quem antevê a vitória da expedição por ele comandada; já o outro, à direita, olha para trás, como quem dá alento aos comandados, incentivando-os a prosseguir na difícil missão, rumo à vitória. Em suma, a atitude de cada comandante retrata determinado momento da expedição a seu cargo.

Seguem-se a esses chefes os índios, os brancos, os mameucos, cada qual retratando, nas respectivas faces, os sentimentos que lhes invadem o espírito, os que têm a mais férrea vontade de prosseguir, e os que já estão prestes a desanimar.

O homem flechado é Manuel Preto, denominado “Herói do Guairá”, enquanto aquele que está sendo amparado é Fernão Dias Paes Leme, o célebre “Caçador de Esmeraldas”, imortalizado no coração de todos os paulistas e também nos versos do grande Olavo Bilac, segundo o qual teria morrido cingindo ao peito uma porção não de esmeraldas, mas de turmalinas verdes, às margens do Rio das Velhas, perto de onde hoje se situa a capital de Minas Gerais.

Na escultura, tudo se passa ao lado das grandes canoas (“canoões”) das *bandeiras fluviais*, também chamadas de *monções*. O negro representa os homens que ficavam nos *pousos*, isto é, aqueles que se fixavam no meio do caminho percorrido pela bandeira para constituir novos núcleos de povoação. Há também um índio, empunhando vigorosamente uma *bateia*, clássico e fundamental instrumento de mineração, a indicar o esforço dos bandeirantes na busca das riquezas da terra brasileira.

Em síntese, a obra de Victor Brecheret conseguiu sintetizar visualmente a opinião do naturalista francês Auguste de Saint-Hilaire* acerca dos bandeirantes: quem conhece “os pormenores das jornadas intermináveis dos antigos paulistas fica (...) estupefato e levado a crer que estes homens pertenciam a uma raça de gigantes”.

* O naturalista francês Auguste de Saint-Hilaire (1779/1853) chamava-se, na verdade, Augustin François Cesar Prouvençal de Saint-Hilaire, viveu no Brasil de 1816 a 1822 e escreveu dois livros a respeito do nosso país: “Viagens pelo Interior do Brasil” e “Viagem à Província de São Paulo”. Deste último, traduzido por Rubens Borba de Moraes e editado pela Livraria Martins, em São Paulo, no ano de 1940, extrai-se a frase citada, que se encontra nas páginas 32 e 33.

Ricardo Cardozo de Mello Tucunduva
Desembargador do Tribunal de Justiça de São Paulo e
Professor da Academia de Polícia de São Paulo

A face do “Sudário”

M.I. Rollemberg

Tudo começa no início do século IV d.C. A Imperatriz Helena convida Euzebius, bispo de Cesarea e maior autoridade da Igreja, para ser preceptor de seu filho Constantino. Em 313 d.C., Constantino torna-se Imperador; dessa forma, seu preceptor, que era constantemente detido em função de sua fé, tem agora salvo conduto para viajar por todo o Império. Ele então atravessa a Anatólia e dirige-se a Edessa, capital do pequeno estado de Osrohenes, localizada ao lado da Haran bíblica, terra onde Abraão viveu até os 78 anos de idade e hoje situada no Curdistão turco, por onde passavam todas as especiarias vindas do Oriente, o que lhe conferia enorme poderio e prestígio.

Ali, consultando os arquivos da cidade, encontra uma carta enviada pelo soberano da época, Abgar V (em torno do ano 30 de nossa era), a um taumaturgo da Palestina que realizava curas prodigiosas, a fim de tratar terrível mal de que se achava acometido. As cartas eram escritas, enviadas e lidas ao portador por um carteiro, Ananias, que, depois, da mesma forma, trazia a resposta desejada. Nessa mensagem, o taumaturgo diz-se impossibilitado de atendê-lo pessoalmente, pois tinha uma missão a cumprir, mas afirma que, assim que fosse possível, enviaria um de seus discípulos. Logo depois, Tadeu, numerado como um dos setenta discípulos que seguiam o Mestre, dirigiu-se a Edessa com um pedaço de tecido, que, ao ser mostrado, supostamente promoveu a cura do soberano. A este pano, depois de dobrado três vezes (em grego, *tetradypilon*), devido a seu tamanho, deram o nome de *mandylion* — “lenço” em grego —, mostrando um rosto no pano (Figura 1). Depois da morte do rei Abgar, seu sucessor, ao ameaçar destruir o *mandylion*, fez com que seus responsáveis o escondessem dentro de uma caixa nos muros da cidade.

Na mesma época de Euzebius, a agora ex-Imperatriz Helena fez uma viagem a Jerusalém, com grande comitiva, para localizar os locais da paixão, morte e sepultura de Cristo, determinando a construção da Igreja do Santo Sepulcro. Retornou pelo deserto do Sinai, identificando o cenário descrito no Êxodo: “... *apascitava Moisés o rebanho (...) e apareceu-lhe o anjo do Senhor em uma chama de fogo do meio d’uma sarça (...) que não se consumia; e bradou Deus do meio da sarça:*

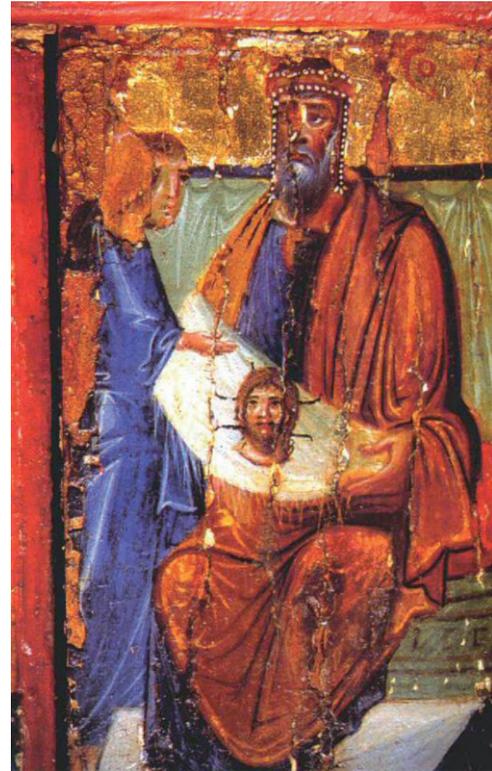


Figura 1 — Tadeus apresentando o mandylion ao rei Abgar V — ícone do Mosteiro de Santa Catarina

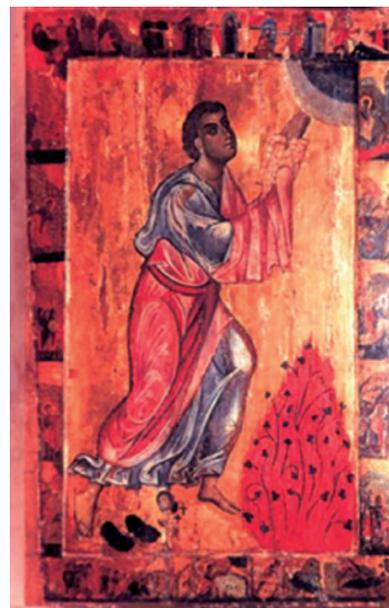


Figura 2 — ícone do Mosteiro de Santa Catarina

Moisés, não te chegues para cá: tira os teus sapatos porque o lugar em que estás é terra santa” (Figura 2); ordenou a construção de uma igreja que imediatamente passou a receber inúmeras e valiosas oferendas, tornando-se alvo de assaltos e roubos pelos povos do deserto.

Cem anos depois, uma enchente do rio Eufrates destrói alguns muros de Edessa, em um dos quais se encontrava o *mandylion*. Sua descoberta é intensamente comemorada, cuja repercussão atravessa toda a Anatólia até Constantinopla. Nessa ocasião, o Imperador Justiniano, de modo a prevenir os ataques à Igreja do Sinai, manda construir no local uma verdadeira fortaleza inexpugnável, posteriormente denominada “Mosteiro de Santa Catarina”. Para comemorar o fato, doa ao mosteiro um ícone, verdadeira joia em pintura encáustica: “Cristo Pantocrator” (Cristo Majestoso), que constitui, sem dúvida, a maior atração do museu do mosteiro, comparável, em riqueza, ao museu do Vaticano (Figura 3).

Apesar das enormes dificuldades da época, aceitei o desafio de ir pessoalmente até os confins do deserto do Sinai admirar essa obra prima, patrimônio da Humanidade. A visita a este local perdido naqueles ermos infunde uma sensação de paz. O silêncio é parcialmente rompido pelo voo de belos pássaros coloridos, em contraste com o maciço das montanhas de granito, cujas tonalidades vão mudando de acordo com a incidência dos raios de um sol inclemente. A chegada ao mosteiro, naquela solidão do deserto, em contato com monges despojados de raro ascetismo, trouxe-me tranquilidade, transmitindo mensagens aparentemente perdidas na memória, ali visíveis, dando a impressão de estar-se diante de gema preciosa engastada em uma joia rara.

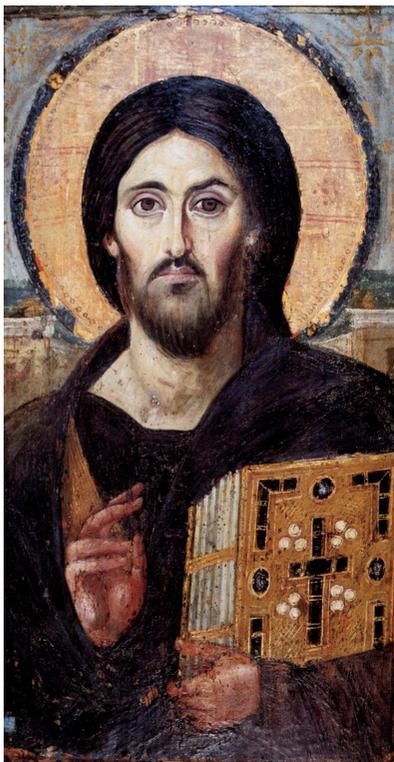


Figura 3 — Cristo Pantocrator

O professor Emérito da Universidade de Duke, em Carolina do Norte, Alan Whanger, diretor e fundador do *Council for Study of the Shroud of Turin*, desenvolveu um estudo para a comparação entre os ícones conhecidos e a imagem do rosto do crucificado no Santo Sudário, mostrando uma incrível semelhança entre eles.

M.I. Rollemberg
Médico Cirurgião, Autor do livro
O Santo Sudário não é um sudário

Dermatologia e Cosmiatria

Nelson Guimarães Proença

Evandro Rivitti

Na década de 1950, a Dermatologia, como especialidade, era pouco valorizada dentro do meio médico brasileiro. Vejamos um exemplo que comprova claramente essa afirmação. Um de nós, graduado em 1956 pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, manifestou a intenção de se dirigir para a área de Dermatologia. No Hospital das Clínicas de São Paulo, não havia Residência Médica nessa especialidade. Ao procurar pelo então Catedrático de Dermatologia da FMUSP, Professor João de Aguiar Pupo, solicitei permissão para cumprir estágio em sua Clínica de Dermatologia no Hospital das Clínicas de São Paulo. O pedido foi prontamente atendido, havendo até certo entusiasmo e evidente satisfação ao aceitá-lo. Explicava-se o porquê de tanta satisfação: o pedido anterior que o Professor Pupo recebera no mesmo sentido datava do ano de 1949. Nessa ocasião, foi admitido o Dr. Norberto Belliboni, então recém-formado. Entre 1949 e 1957, haviam decorrido oito anos sem que surgisse um único candidato à especialidade.

Por que tanto desinteresse pela Dermatologia? Por que o dermatologista era tão pouco valorizado? Os colegas mais categorizados da época, docentes da USP — Aguiar Pupo, Sebastião Sampaio, Domingos Ribeiro, Alcântara Madeira, Luiz Baptista, José Augusto Soares e Guilherme Curban —, lamentavam que a Dermatologia fosse tratada como uma especialidade de menor importância na Medicina. Dizia-se dos dermatologistas que “*ou curavam seus doentes com os preparados de enxofre, ou não tinham como curá-los*”. Esta era uma frase desprimorosa, usada a todo instante, em tom de brincadeira, mas que a todos magoava, muito!



Tal desvalorização da Dermatologia não ocorria só em São Paulo, estando presente também nos demais Estados da Federação.

Só havia uma maneira de modificar esse cenário desprimoroso, desfavorável para os dermatologistas. O caminho da desejada mudança, que levaria a Dermatologia a alcançar prestígio junto às demais especialidades, era óbvio. Tratava-se de buscar a modernização da prática dermatológica, aumentando o conjunto de recursos clínicos e laboratoriais postos à nossa disposição. Do mesmo modo, era necessário integrar a Dermatologia às demais especialidades médicas, aprofundando o conceito de doenças cutâneo-sistêmicas. Era preciso buscar a modernidade, trazendo todos os

avanços e as conquistas para o meio médico brasileiro.

Esse salto para a modernidade aconteceu graças ao surgimento de uma geração de líderes de nossa especialidade, a quem muito devemos. Cito alguns dos nomes mais importantes que contribuíram para uma radical mudança: Sebastião Sampaio e Raymundo Martins Castro, em São Paulo; Rubem Azulay, Antar Padilha Gonçalves, Sylvio Fraga e Glyne Rocha, no Rio de Janeiro; Tancredo Furtado, em Belo Horizonte; e Clovis Bopp, no Rio Grande do Sul. E tantos outros, que lideraram a sensacional virada no final dos anos 1950 e durante toda a década de 1960.

A Cirurgia Dermatológica, a Dermatopatologia, o Laboratório Clínico dentro dos serviços (micologia e bacteriologia), a Alergia e Imunologia em Dermatologia e a Oncologia Dermatológica permitiram notáveis progressos, que acabaram por situar a Dermatologia no mesmo nível de qualificação que já havia sido atingido pelas demais especialidades médicas.

Passamos, então, a ser respeitados por nossos colegas, os quais, a partir daí, passaram a nos reconhecer como os verdadeiros especialistas em Medicina Cutânea. E era exatamente isso que nós procurávamos ser. Ficou claro que devíamos sempre ser consultados a respeito de afecções cutâneo-sistêmicas para que fosse dada uma orientação segura em cada caso.

Entramos na década de 1970 com o nosso prestígio em alta. Essa ascensão logo se refletiu no aumento do interesse dos recém-formados por nossa especialidade. Candidatos à formação em Dermatologia começaram a surgir às dezenas e depois às centenas, em todo o País. Foi um salto formidável, antes inimaginável. E nós devemos esse salto, essa mudança de qualidade na especialidade dermatológica àqueles pioneiros que contribuíram para a nossa formação.

Nossa retribuição foi clara: nos juntamos a eles, a nossos mestres, imbuídos dos mesmos propósitos, e nos esforçamos para apreender e dominar todas as áreas de conhecimento relacionadas com a pele. Foi esse o nosso compromisso. Com determinação, seguimos adiante em nossa carreira universitária, procurando ampliar os horizontes da Dermatologia. Acreditamos que nossa geração cumpriu bem o seu papel, realizando aquilo que dela se podia esperar. Talvez até mesmo, em alguns casos, tenhamos superado as expectativas.

Eis que, ao chegarmos ao século XXI, nos deparamos com um cenário que antes não podíamos prever. Trata-se do crescimento progressivo do interesse dos novos dermatologistas pela área de Cosmiatria, o que até não seria um mal, desde que não ocorresse em detrimento da Dermatologia. Porém, temos visto a prática rotineira de procedimentos de Cosmiatria afastando muitos bons dermatologistas do interesse pela patologia da pele. Esse distanciamento chegou a tal ponto que, em nossos consultórios, se tornou comum ouvir a seguinte frase: “Doutor, minha dermatologista é fulana de tal e dela recebo todas as atenções cosméticas. Mas agora estou com uma doença de pele e preciso de seus cuidados”. Tal situação, que se repete constantemente, demonstra que, na cabeça dos clientes, já estão separadas nitidamente as figuras do(a) médico(a) cosmiatra e do(a) médico(a) dermatologista.

Essa exagerada e excessiva valorização dos procedimentos cosmiátricos está produzindo um viés indesejável: sentimos que está contribuindo para diminuir o prestígio de nossa especialidade perante os médicos em geral, sobretudo àqueles mais destacados, que se dedicam ao enfrentamento dos processos patológicos em suas respectivas especialidades. É inegável que isso está acontecendo.

É preciso, então, alertar os colegas mais jovens para os riscos de adentrarem excessivamente a área de Cosmetologia

(ou de Cosmiatria, como se queira), colocando em segundo plano a Dermatologia propriamente dita, ou mesmo chegarem, no limite, a abandoná-la. Estamos preocupados e temos refletido sobre essa questão, mas possuímos dificuldade para transmitir a nossos colegas de especialidade o significado de nossas preocupações.

Como articular nosso raciocínio de modo a comunicar nossas reflexões? Nós não queremos ser vistos como aqueles que envelheceram e perderam o “bonde” da história, sendo ultrapassados por concepções mais modernas. Estávamos em uma encruzilhada, indecisos quanto a qual atitude tomar, quando caiu em nossas mãos um texto providencial, que reforçou nossas convicções.

Trata-se da conferência realizada pela Dra. Mary Lupo no *meeting* da *American Academy of Dermatology* realizado em 2009. A Dra. Lupo é Professora de Dermatologia da *Tulane Medical School* e também Diretora do *Cosmetic Boot Camp*. Vejamos quais foram suas palavras: “eu incentivo médicos habilitados em estética a aumentar a prática em procedimentos cosméticos, visando ajudar aos pacientes; mas isso também tem ajudado médicos de *diversas especialidades* a obterem retorno econômico em seus consultórios privados” (grifo nosso).

A doutora destacou, ainda, como é simples trabalhar na área de Comiatria. Suas palavras: “*são apenas quatro os pilares dessa área médica: 1º) saber aplicar a toxina botulínica; 2º) saber utilizar os preenchedores; 3º) saber manejar os equipamentos de laser; e 4º) saber indicar os cosméticos adequados, tais como removedores de maquiagem, conservadores de pálpebras, hidratantes etc.*”. Só isso! Nada mais!

É óbvio que uma prática tão simples não exige formação especializada após a graduação em medicina. Não é preciso ser dermatologista para dominar essas poucas técnicas e se especializar nessa área. Aliás, é exatamente isso o que pensa a Dra. Mary Lupo, pois oferece treinamento para médicos, segundo ela, de “diversas especialidades”.

Corroborando esse ponto de vista, nós gostaríamos de citar um exemplo bastante recente aqui de nossa terra brasileira. Um grupo de médicos ginecologistas do Rio de Janeiro organizou uma primeira *Jornada de Ginecologia e Obstetrícia Estética*, realizada naquela cidade em 8 e 9 de agosto de 2009. Para a divulgação do evento, foi distribuído um *folder* não só aos ginecologistas e obstetras mas também a outros especialistas que supostamente deveriam se interessar pelo campo da estética (aqui incluídos os dermatologistas). Logo na abertura deste, os organizadores do evento deram destaque ao motivo principal da Jornada, programando duas palestras: “O mercado que nunca percebemos” (Dr. Marcelo Lemgruber) e “Novos Desafios e Novos Rumos” (Dr. Paulo Guimarães).

Qual o programa desenvolvido na “Jornada de Ginecologia e Obstetrícia Estética”? Vejamos: “Luz pulsada e laser

em Ginecologia Estética”; “Depilação a laser”; “Tratamento das discromias com luz pulsada”; “Lipólise suprapúbica com lipossomas do girassol”; “Melhoria da conformação dos grandes lábios da vulva com macrolane”; “Laserlipólise aspirativa, laserlipólise não aspirativa e *lasersubcision*”; “Radiofrequência para combate à flacidez da genitália”; “Tratamento estético acessível ao ginecologista e obstetra: estrias, cicatrizes, celulite, rugas”; “Peelings para a área genital”; “Preenchedores da área genital como complemento à ninfoplastia”; “Uso de cosméticos na gravidez”; “Peelings corporais”; “Tratamento da hiperidrose axilar e pubiana com toxina botulínica”; e “Laser para rejuvenescimento vulvovaginal”. Para completar, uma conferência com objetivos muito práticos: “Marketing e gerenciamento de uma clínica de estética”.

A semelhança entre essa programação e aquelas que compõem jornadas de estética em Dermatologia não é mera coincidência. O ponto de convergência é que essa área de atuação é tão atraente, exigindo tão poucas habilidades e conhecimentos de patologia, que tende a atrair mais e mais médicos, das mais diversas especialidades, inclusive os que não se especializaram em qualquer área.

Daí o inegável êxito das incontáveis “Sociedades de Medicina Estética”, que estão se multiplicando em todos os países do mundo. O que está em jogo é a possibilidade de grandes ganhos econômicos para os médicos e de elevadíssimo faturamento para as empresas fabricantes de equipamentos, cosméticos ou produtos a serem aplicados nos pacientes. É inegável que a enorme adesão de médicos de diferentes especialidades (dermatologistas, cirurgiões plásticos, endocrinologistas, ginecologistas etc.) — e, inclusive, sem especialização alguma — transforma essas “Sociedades de Medicina Estética” em entidades médicas com número crescente de associados. É previsível que elas venham a influir — e muito — na área de Dermatologia.

Voltando à Dra. Mary Lugo, ela faz algumas recomendações para o dermatologista ampliar (e também não perder) a sua clínica de estética: 1º) *expor-se à mídia*; 2º) *manter site*; e 3º) *investir em marketing*.

Mas, apesar de investir na Cosmiatria, Dra. Lugo recomendou prudência em manter as portas abertas para o futuro. Por esse motivo, ela encerrou sua conferência dando uma orientação para o dermatologista: “*mantenha aberto o consultório para atendimento a pacientes com doenças de pele, pelas seguintes razões: 1º) isso permite quebrar a enfadonha rotina dos procedimentos cosméticos, e essa diversificação o manterá satisfeito; 2º) isso irá fornecer uma base de pacientes que alimentará a prática de procedimentos cosméticos; e 3º) pode ser necessário para manter o seu ganha-pão, caso a situação se complique*”.

Há vários anos, quando apenas se iniciava essa corrida dos dermatologistas para a Medicina Estética, ouvia-se uma frase

absolutamente imprópria: “O futuro da Dermatologia está na Cosmiatria”. Depois, com mais modéstia e propriedade, houve uma mudança: “O futuro econômico dos dermatologistas está na prática da Dermatologia Estética”.

Acreditamos que, depois de tudo aquilo que foi destacado no presente artigo, nenhuma dessas abordagens é correta. Dentro de poucos anos, a nosso ver, a área de Cosmiatria estará saturada, sendo apenas viável para quem tenha potencial econômico para disputar, por meio do amplo uso da mídia, a clientela existente.

Por todas essas razões, é imperativo recomendar aos dermatologistas mais jovens que não apostem todas as suas fichas em aplicações de toxina botulínica ou manejo do laser. Continuem praticando a boa Dermatologia, voltada para os processos patológicos, desde os mais simples até os mais graves. Do equilíbrio com que souberem praticar sua especialidade irá resultar o seu sucesso e a sua satisfação profissional.

Nelson Guimarães Proença

Professor Emérito de Dermatologia da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo

Evandro Rivitti

Professor Titular de Dermatologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo

Velhos médicos cansados de guerra

67° Aniversário da Sociedade Médica de Sorocaba Homenagens aos médicos com mais de 70 anos

Edgard Steffen

Fôssemos militares, estaríamos aqui, perfilados;
Fôssemos sacerdotes, neste momento, neste lugar, esta-
ríamos curvados, em respeitosa genuflexão;

Poetas, teríamos versegado loas à lembrança dos nossos
dias de luta;

Fôssemos músicos, teríamos composto hinos de gratidão
aos que ainda se importam com a nossa existência.

Nem militares, nem sacerdotes, nem poetas, nem musicistas.

Somos apenas médicos. Homens e mulheres. Especialistas
e generalistas. Apenas velhos médicos. Cansados de guerra.

Por muitos anos, estivemos submetidos à disciplina e à hier-
arquia de uma profissão que precisa decidir, tanto por meio
de atos como de técnicas, problemas que envolvem vidas.
Disciplina e hierarquia postas em luta contra o sofrimento,
a invalidez e a morte. A preservação da vida e da saúde do
paciente sempre foi prioritária. Como em todas as guerras,
tivemos batalhas vencidas e combates perdidos.

Durante décadas, ouvimos confissões e pudemos adentrar
os lugares sagrados da vida e das entranhas de nossos pa-
cientes, cujo acesso se permite apenas a sacerdotes.

Por todo o tempo, tivemos de nos comportar como
poetas. Sem que nos assistisse a inspirada genialidade de
Fernando Pessoa, procuramos acreditar, apesar das vicissitu-
des e incompreensões, que tudo valeu a pena, mesmo que a
recompensa pecuniária tenha sido pequena.

Aqui estão reunidas:
noites mal dormidas,
refeições interrompidas,
lágrimas vertidas
(ainda que escondidas).
Vêm fazer contraponto
às alegrias revividas.
Presentes aqui:

difíceis diagnósticos,
na companhia
de trágicos prognósticos
que se confirmaram,
entre os que,
para alívio de seus males,
um dia nos procuraram.

Talvez sejamos parte das últimas gerações que ainda
puderam exercer com romantismo os misteres honrosos
da Medicina.

Nos dias em que, inseridos em um mundo onde princípios
éticos, morais e transcendentais perdem seus contornos,
obscurecidos pelo individualismo e pelo materialismo, man-
chetes de jornais nos incluem entre vendilhões do templo,
pugnamos pelo exercício correto de nossa missão. Cada um
de nós, ao seu modo, buscou fazer jus à definição de médico
dada pelo colega Nabil Ghorayeb:

*“Diante do sofrimento, da cura às vezes impossível, das incompreensões, das
más condições de trabalho, tirar a dor é a maior conquista, trazer a vida é
a maior alegria (...). Ao se dar conta do que fez, silenciosamente e a sós, (o
médico) agradece a Deus”.*

Na sagrada onisciência, o Eterno conhece nossa gratidão,
sem que nada precise ser dito ou escrito.

À Associação Paulista de Medicina e à Sociedade Médi-
ca de Sorocaba, *em nome dos homenageados*, minhas palavras
buscam representar nossa gratidão. Estamos agradecidos e
orgulhosos. Obrigado!

Sorocaba, 2 de julho de 2010.

Edgard Steffen
Médico

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Ivan de Melo Araújo – **Diretor Adjunto:** Guido Arturo Palomba

Conselho Cultural: Duílio Crispim Farina [presidente (*in memoriam*)], Luiz Celso Mattosinho França,
Affonso Renato Meira, José Roberto de Souza Baratella, Rui Telles Pereira, Arary da Cruz Tiriba e Rubens Sergio Góes.

Cinematoteca: Wimer Botura Júnior – **Pinacoteca:** Guido Arturo Palomba

Museu de História da Medicina: Jorge Michalany

O Suplemento Cultural somente publica matérias assinadas, as quais não são de responsabilidade da Associação Paulista de Medicina.